



## Em frente pelas eleições europeias de 2014!

07/12/2013 - 00:52

**Os cidadãos poderão apoderar-se plenamente do grande acontecimento democrático da próxima Primavera, tanto em Portugal como na Europa. Às urnas, caros concidadãos!**

As eleições europeias de 22 a 25 de Maio de 2014 constituem um acontecimento de grande importância e à medida da crise multiforme que a construção europeia atravessa. Este grande momento democrático deverá incitar-nos a enfrentar três desafios complementares, através de propostas que relembrem o sentido da UE, completem a zona euro e alimentem um confronto partidário aberto e decidido.

### **1. Revalorizar a "Grande Europa"**

O aumento da atenção que a crise da zona euro suscitou nos últimos tempos não nos deve fazer esquecer que as próximas eleições europeias dizem respeito à "Grande Europa" (ou seja, a União Europeia a 28): é a essa escala que os nossos países e cidadãos, unidos na diversidade mas agora reconciliados, deverão escrever as próximas páginas da sua aventura comunitária.

A "Grande Europa" é mais do que nunca a escala certa para afirmar o papel crescente da UE na globalização que a maior parte dos seus povos quer reforçar, conscientes de que a união faz a força. A UE dotou-se de políticas de alargamento e de ajuda externa que estarão em debate na

próxima campanha eleitoral. O mesmo acontecerá com a política comercial nestes tempos de negociações transatlânticas, com os esforços europeus que será preciso aumentar para melhor regulamentar a "finança louca", e com os balbuciamientos da UE em matéria migratória. Finalmente, o empenhamento diplomático e militar dos europeus deve ser reforçado, pelo menos na vizinhança próxima, incluindo com base em cooperações limitadas.

A "Grande Europa" também é o horizonte pertinente para continuar os esforços em curso em matéria de protecção do ambiente e do clima, bem como encorajar os processos de transição energética. Este é o sentido do projecto da "Comunidade Europeia da Energia" que promovemos com o objectivo de responder às aspirações prioritárias dos cidadãos e dos Estados da UE (competitividade da indústria, segurança de aprovisionamento, protecção do ambiente, etc.).

A "Grande Europa" é, por fim, o mercado único, que ainda pode ser aprofundado no sector dos serviços, da economia digital e das grandes infra-estruturas, de modo a criar maior crescimento e mais empregos, que deve permitir uma livre circulação de trabalhadores simultaneamente mais fluida e melhor enquadrada (em particular em matéria de destacamento), e que deve ser objecto de maior harmonização social e fiscal, de modo a atenuar as tensões entre o Oeste e o Leste, ou centro e periferia.

## **2. Completar a união económica e monetária**

A crise evidenciou as falhas ligadas ao desequilíbrio entre união monetária e união económica, embora fazendo ao mesmo tempo a zona euro aparecer como o cadinho político de uma maior integração, baseada em direitos e deveres específicos em termos de disciplina e de solidariedade.

Por essa razão, as acções de solidariedade e de controlo já iniciadas devem ser continuadas: concretização de uma verdadeira "união bancária" baseada numa supervisão europeia dos bancos, numa contribuição dos actores financeiros para o seu próprio salvamento e numa redução das divergências das taxas de juro que as empresas e as famílias têm de pagar; melhoria da coordenação europeia em matéria de políticas económicas e sociais dos Estados- membros, de modo a prevenir os excessos e os desvios que ameaçam o

funcionamento da união monetária, através de incentivos financeiros concedidos aos Estados-membros que lancem reformas; criação de mecanismos de seguro contracíclico sob diferentes formas entre os Estados e a zona euro; mutualização parcial da emissão de dívidas nacionais face aos riscos persistentes de crise sistémica...

Completar a união económica e monetária é também conferir-lhe uma dimensão social específica apoiando-se nos parceiros sociais para, por exemplo, melhor organizar a livre circulação de trabalhadores ou a assunção ao nível europeu das vítimas dos ajustamentos estruturais, em primeira linha os jovens. É dar-lhe também meios concretos para apoiar o crescimento através de investimentos maciços, tanto para acelerar a saída da actual grave crise económica e social que ameaça a sua coesão e o seu dinamismo, como para criar as condições de um desenvolvimento humano ecologicamente responsável.

Finalmente, é preciso completar a governação da zona euro reunindo de novo as "cimeiras da zona euro" numa base regular, dotando o Eurogrupo de um presidente permanente e permitindo que os deputados nacionais e europeus exerçam melhor os seus poderes de controlo democrático, tanto em Bruxelas como nas capitais nacionais.

### **3. Promover a construção europeia com base em alternativas claras**

É com a formulação de uma dupla agenda positiva ao nível da UE e da zona euro que será possível dar todo o seu sentido à campanha eleitoral que se desenrolará em dois registos complementares.

Trata-se antes de mais de reafirmar a confiança na construção europeia, valorizando as suas realizações fundamentais que são, por exemplo, o espírito de reconciliação e o princípio da livre circulação. Os partidos extremistas querem tornar as próximas eleições numa espécie de referendo a favor ou contra a UE ou o euro, tirando partido da degradação da sua imagem provocada pela crise e pela sua gestão. Temos de fazer incansavelmente a prova da Europa, de forma decidida e com abertura de espírito, com base numa visão ampla das oportunidades e das ameaças geopolíticas que enfrenta.

As próximas eleições europeias também deverão permitir um confronto partidário claro entre diferentes abordagens do funcionamento, das políticas e do futuro da UE. Trata-se de pôr em evidência as divergências que separam os conservadores, os liberais, os sociais-democratas, os ecologistas, a esquerda radical e as outras forças políticas, e de assim permitir aos eleitores diferenciar os seus programas para a UE no horizonte de 2020.

Neste contexto, é positivo que as forças políticas europeias estejam prestes a designar os seus candidatos à presidência da Comissão, de forma a personificar os desafios do debate e do escrutínio. É porque poderão pôr caras nas principais orientações da construção europeia e nas clivagens que estruturam a vida política da UE que os cidadãos se poderão apoderar plenamente do grande acontecimento democrático da próxima Primavera, tanto em Portugal como na Europa.

Às urnas, caros concidadãos!

**Jacques Delors, presidente fundador de Notre Europe e ex-presidente da Comissão Europeia**

**António Vitorino, presidente de Notre Europe, ex-comissário europeu e ex-ministro**

**e os restantes 39 participantes no Comité Europeu de Orientação de Notre Europe-Instituto Jacques Delors**